

# REPLICA APOLOGETICA

DE

1570/6273

**UM ESCRIPTOR CALUMNIADO**

E

**JUIZO FINAL**

**DE UM PLAGIARIO DIFAMADOR QUE SE INTITULA GENERAL.**

Non ego tibi, sed causa  
causæ respondo.  
S. JERONIMO.

**MADRID.**

NA IMPRENSA DA VIUVA DE R. J. DOMINGUEZ, R. DE HORTALEZA, NUM. 67.

**1846.**



Quando a uma critica litteraria, ou ainda satyra si se quer, se responde com insultos e com calumnias, é isso indício de que a razam e a justiça nam estam em favor do autor criticado. E se os insultos e calumnias sam dirigidos a um ausente, o que isso prova é que o insultante calumniador desconhece as nobres leis do decoro e da honra, e se aproveita da circumstancia de nam poder o offendido repellir a injuria pelos meios que tem em si todo homem de brios.

Impossibilitado pois de recorrer a taes meios, ou de me apresentar perante os tribunaes a pedir justiça, me valerei da imprensa para esse fim, o que só faço á falta de outro recurso; pois ainda que della como arma se valeu o meu offensor, e se tem valido outros, que com sua tinta tem querido sujar e enegrecer muitos caracteres distinctos do Brazil, eu respeito esse meio civilisador, e é com a maior repugnancia que me sirvo delle para me vingar de quem, em vez de se defender, me rovocou com argumentos *ad odium* e *ad hominem*, e tentou desacreditar as minhas mais santas e mais patrioticas acçoens, e faltou ao publico quando faltou á verdade. E ainda que *«para casos tales suelen tener los maestros oficiales.»* procurarei ser tam commedido quanto possa. Nam preciso dizer que tive alguma criaçam, e que se é necessario faltar a ella para alcançar a victoria, prefiro que passem sobre mim todos os carros triunfaes, certo de que elles honrariam minha derrota.

Pensei primeiro calar, ou antes, responder ao calumniador como respondeu Southey a Beauchamp—dando-lhe em cara com a obra de que me occupo. Porem desejando guardar para a idade madura a apariçam desta, alim de que possa sair mais aperfeçoada do que todos esses escriptos volantes anteriores (em que a pressa de anunciar ao publico factos desconhecidos delle, me fez ás vezes precipitado e por consequencia menos apurado) tenho que sair a campo, máu grado meu, para que o silencio nam seja tomado pelos contemporaneos que me nam conheçam, ou pelos futuros escriptores brasileiros, aos quaes passo impavido a sentença da minha causa,—como fuga medrosa d'um lodaçal immundo donde partem berros stultos e coaxes desentoados.

Nam imprimirei um folheto. Aprecio bastante o tempo e tenho em que empregal-o. Indicarei talvez só os capitulos de minha réplica, juntando aqui documentos, cujos originaes passarám a ser depositados no archivo do Instituto Historico do Rio, logo que ahi os possa enviar com segurança, para que a todo tempo se reconheça a sua autenticidade.

Já se nam trata de continuar, com um segundo juizo, a censura do famoso plagio intitulado Compendio. O pseudo-autor deste, a modo do quadrupede jaguatitaca, deixou, por tal forma, e a seu geito, apestaço o campo, para melhor se escapar, que me é impossivel avançar.

Tanto nojo me causa o pseudo-general que nam se honrará elle mais vendo escripto o seu nome pela minha penna. E' um calumniador indigno.

A censuras litterarias nam se responde com verrinas contra o censor; sim rebatendo os topicos da censura. Comettera eu, pela rapidez com que escrevi a censura, que nam esperava ver impressa, alguma incorrecção de estylo, algum erro de grammatica? E quem os nam comette? A immortal obra de Cervantes está inçada de faltas grammaticaes, e ha quem as note até em Barros, em Bernardes e no mesmo Camoens.—E se tal acontece em escriptores abalisados, nas obras em que firmam sua gloria, que se podia esperar de mim escriptor noviço, n'uma vestoria, que mais se deve considerar como termo de accusaçam contra um infractor da lei, que como obra litteraria!—Demais ha' horas em que as palavras resistem a correr dentro do molde que formou o pensamento, e se a ira rouba a fala, o desprezo de um plagiario me tirou talvez nessa occasiam a paciencia para apurar as frases.

Deixando pois o calumniador seguir livremente sua empestada carreira só me cumpre tratar de abandonar honestamente o campo em que elle tornou o combate impossivel.—Contento-me com havel-o provocado, para me responder, a estudar muito mais do que havia feito para escrever dois tomos da tal historia. Já se propoe a escrever outro livro em *estyllo todo seu*; que bom proveito lhe faça.

Cumpre-me porém justificar das arguiçoens que lançou sobre a minha pessoa a impostura desmascarada e insolente. A principal arguiçam é a de ser eu *ignorante*. A esta nada digo; porque a reconheço justa. Quanto mais estudo e quanto mais aprendo no mundo, mais conheço, quanto é humano o errar, e mais me convenço do pouco que sei á vista do que desejava saber. E isto apezar de examinado em varias linguas vivas, apezar de haver frequentado, sempre com approvaçoens plenas e premios (por muitas vezes o primeiro), durante treze ou quatorze annos differentes cursos litterarios e scientificos que ulimei, apesar de me nam ter separado desde entam dos livros, velando muitas noites, e publicando escriptos que me valeram a admissam ao seio de varias corporaçoens illustres, e a estima e contemplaçam de tantas notabilidades.—E' verdade que o calumniador diz que esses meus escriptos estam cheios de erros, (que nam se digna apontar); mas como assim mesmo vejo que os apreciam os litteratos que sam votos na materia, como provo pelos documentos que junto em o additamento A, (pag. 9 a 18) deixo que os S. Luiz, os Navarrete, os S. Leopoldo, e os Kopke, e outros criticos se encarreguem de dar tormento ao calumniador, dispensandome de transcrever as cartas do conego Januario e de outros collegas do Instituto, que elle de antemam deu por suspeitos.—Quanto ás duvidas suscitadas á cerca de algumas proposiçoens historicas que enuncio no meu anterior Parecer ou Juizo, respondo com o additamento B (pag. 9) que é a carta que a tal respeito dirigi de Sevilha ao Secretario do Instituto Historico.

As demais arguiçoens versam sobre actos da minha vida privada e da de meu defuncto pai falsamente relatados pelo calumniador, que teve a debilidade de crer que podia lançar poeira aos olhos do publico e da posteridade, para que nam vissem delle o miseravel plagio, com assetear-me, dilacerarme e arrastar-me pelo cham! Loucura!—Como se mais dia, menos dia nam houvesse de triunfar a verdade contra a calunnia manejada pela impostural—

Mais: arguis um ministro (da guerra) que me despachou official engenheiro; outro (dos estrangeiros) que me chamou á carreira diplomatica; e finalmente outro (do Imperio) que me propoz ao Imperador para uma condecoração.— E nam vedes que enunciaes com isto que alguma coisa devo valer, quando assim o julgaram tres ministros differentes, quando vós sois um so, e de mais a mais tam suspeito como o seria um ladram contra o magistrado que o houvesse accusado de criminalidade?

Pretendestes enganar o publico, e vos enganastes. Quisestes-me fazer mal? Pois crede que me fizestes um bem, provocando-me a dar as seguintes explicaçoens acerca dos meus precedentes, que por saberes talvez que eram pouco conhecidos no Brazil, julgastes que podieis calumniar á vontade. E' um caso novo este de um desgraçado escriptor como eu, occupando-se tam joven de parte de sua auto-biographia. O publico porem sabe que fui provocado cruelmente, e nam pode ver nisso immodestia, graças ao meu calumniador.

Sou filho legitimo do commendador Varnhagen, escriptor e mineralogista allemam que serviu durante muitos annos no Brazil, em varias commissoens, das quaes foi a principal a restauração da fabrica de ferro de Ipanema, com tanto aplauso do governo que lhe conferiu por distincção o posto de Tenente Coronel na arma de Engenharia, em que servia, posto de que foi dimittido com o celebre Eschwege, seu collega, e com outros officiaes estrangeiros, depois do 7 d' Abril de 1831:—como se pode ver da Gazeta do Rio dessa epoca.—Os serviços de meu pai ao Brazil podem ser attestados pelos Sres. Vergueiro, Conde de Valença, e Rafael Tobias; e se acham consignados em officios do Conde de Palma, meu illustre padrinho, e em varios livros impressos no Brazil e na Europa.

Havia annos que meu pai estava na Europa, onde viera tratar da educação de seus filhos, no maior dos quaes falleceu no serviço allemam em 1832; e o segundo da queda de um cavallo em 1831, de modo em 1833 era eu o unico varam, e estava estudando em Portugal, quando chegando ali o Sr. D. Pedro 1.º, e indo eu ainda que muito novo vel-o com meu pai, recebeu este a insinuação indirecta de que me fizesse tomar as armas pela sua causa. Lembro-me que o Imperador me mediu com os olhos, e disse: «Já é mais alto que o pai: isso é do sangue paulista.»—As aulas se acabavam de fechar quando eu me alistei; e com a tinha alguns estudos, e a campanha se abriu com vantagem, fui feito official artilheiro no fim de tres mezes de praça. Fiz essa campanha: e quando se abriram de novo as aulas fui concluir os meus estudos, sempre com o pensamento de voltar ao Brazil quando voltasse meu pai, que tinha taes ideas, e estava prompto a realizal-as logo que se lhe dessem ali garantias de que havia de ser empregado regularmente, como elle pedia em cartas aos seus amigos acima mencionados e foutros. Confesso que entam nada sabia eu de constituçoens, nem de direitos de cidadão ganhos ou perdidos. Entretanto a idea de voltar ao Brazil, donde eu tinha saido de oito annos de idade, tomava corpo; e já os meus ultimos estudos academicos eram menos attendidos, em virtude do tempo que eu dedicava aos especiaes do Brazil, ao qual uma força irresistivel me levava. Nam o explico pelo nascimento, nem por quaesquer ambiçoens nobres: se chego a desempenhar a empresa que tenho entre maos creio antes, sem immodestia, nem irreverencia, que Deus me ajudava nessa gloriosa missam.—Em 1838 apresentei á Academia das Sciencias o meu primeiro trabalho, que envolvia conhecimentos da historia e geographia do Brazil, e sua phytologia e zoologia, obra que eu tinha entre maos desde 1835.—Grangeou-me elle a amisade do presidente Francisco Mendo Trigoso e do bispo conde D. Fr. Francisco de S. Luiz, (aos quaes fui apresentado nesta occasiam pelo baram d' Eschwege, collega de meu pai, e hoje meu bom amigo) e a nomeação de socio, quando por outro lado ainda eu seguia o meu curso de engenharia, que conclui no anno seguinte, um anno depois de receber da Academia de Lisboa o dito grão de académico, mais apreciado em Portugal que a carta de doutor de qualquer universidade.

Apenas conclui meus estudos, resolvi-me passar ao Brazil e tratar ahi on da minha entrada no serviço, ou de deixar bem resolvida qualquer duvida que houvesse sobre o perdimento dos direitos da nacionalidade. Revelei ao Sr. ministro do Brazil os meus projectos, e o mesmo fiz ao senhor Costa Carvalho (hoje visconde de Mont' Alegre) que estava entam em Portugal.—Com cartas e recommendaçoes de um e outro e de meu pai, embarquei-me para o Brazil em 1840: e os senhores senadores Olinda, Paranagua, Vasconcellos, Carneiro Leao, Vergueiro e Alves Branco se lembraram do que entam se passou, acerca da minha supplica para se me relevar o tal perdimento de direitos, se é que os havia perdido. Tratou-se muito do meu negocio nas camaras e vendo eu que os individuos destas se iam retirando para suas provincias, sem nada resolver, entreguei ao senhor Antonio Carlos, ministro do Imperio, por intermedio de seu irmao Martim Francisco, que morava entam no campo de Santa Anna, o seguinte requerimento, que deve existir na secretaria:

«Senhor=Francisco Adolfo de Varnhagen, nascido na Provincia de S. Paulo (doc. 1<sup>o</sup>.) e filho, hoje unico, do Coronel Varnhagen, antigo director das fabricas de S. Joam de Ipanema, havendo aos oito annos de idade sido levado a estudar á Europa, empregou o tempo ate agora decorrido habilitando-se para servir melhor a V. M. I.—(documentos 2, 3, 4, 5, 6.) (1)

«O supplicante senhor, por em quanto é menor; e como tal nem pode dispor de si, nem entrou ainda no gozo dos direitos civis. Mas succedeu que para ter a gloria de servir ás ordens do Augusto Pai de V. M. I. se alistou sob suas bandeiras, e quiz a sorte que havendo-o favorecido a guerra e os estudos, se achará hoje considerado em proposta para capitam do Exercito portuguez. Mas o supplicante vendo aproximar-se o termo de sua menoridade, decidiu vir aos pés de V. M. I., á custa Deus sabe de que sacrificios, incluindo o de ausentar-se de seu velho pai enfermo, optar decididamente pela nacionalidade de nascimento com preferencia á de domicilio (2). Obrigado a voltar á Europa pode ser que ahi continue a servir, e que a sorte nam lhe permita mais o tornar a ver a sua terra natal. Mas o supplicante nasceu brasileiro e brasileiro quer morrer: deseja conservar os foros, a que seu nascimento e sua opção lhe dam direitos:—deseja, embora residente em terras do velho Mundo, ser americano.—

«Talvez, senhor, venha um dia em que o Brazil aprecie o intento fervoroso que guia o supplicante, quando=P. a V. M. I. lhe conceda licença para que ao de-

(1) Estes documentos estam no Rio de Janeiro e seram apresentados com ou originaes dos outros ao Instituto.

(2) Quando isto escrevia nam conhecia eu ainda o Direito Internacional de Foelix que agora mesmo me chega ás maos, e que contem o seguinte á cerca do meu caso:

“L' enfant acquiert, au moment de sa naissance, un domicile dans le sens légal, et ce domicile est celui de son père ou de sa mère d'après la distinction ci-dessus. C'est ce qu'on appelle domicile d' origine (*ratione originis*).

La nationalité et le domicile d' origine se conservent pendant tout le temps que l' enfant reste dans l' état de minorité; car durant cette période il n'a, légalement parlant, aucune volonté.

Mais-aussitot que, conformément à la loi du domicile d' origine, l' enfant a atteint l' age de la majorité, il devient libre de changer de nationalité et de choisir un autre domicile.

Il y a présomption légale pour la conservation de la nationalité originaire ou du domicile d' origine, jusqu' à la preuve du changement. De lá il suit que, lorsqu' un individu a deux domiciles dans divers territoires, on doit de préférence avoir égard au lieu de la naissance. Du reste c'est un principe non contesté que l' absence momentanée, ne suffit pas pour former la preuve du changement de nationalité ou de domicile.”—

(L. 1.<sup>o</sup> Tit. 1.<sup>o</sup> §. 27.) Evitamos transcrever as notas.

ver entrar, pela idade, no gozo dos direitos civis, nam seja considerado excluído delles, por se achar em serviço estrangeiro=E. R. Mce.=Rio de Janeiro 1.º de ... (1) de 1840=Francisco Adolfo de Varnhagen.»=

Pouco depois de entregar este requerimento, parti para S. Paulo a visitar antes de regressar á Europa, a minha provincia, e a derramar algumas lagrimas sobre a logar em que a mam de Deus quizera collocar o meu triste berço, no sobpé da rica Arasoyaba, montanha de ferro nativo, no cume da qual, e junto á cruz de ferro ahi inaugurada por meu pai, se abrirá a minha sepultura, se Deus ou os homens nam dispozerem de outro modo.

O requerimento ficou a cuidado de alguns amigos; mas consta-me que depois foi menos attendido, por se complicar com outro, que, de accordo com o senhor Tobias, remetti de S. Paulo pedindo para meu pai a commenda do cruzeiro, em recompensa dos serviços por elle prestados, e de que havia ali tantos padroens. Este requerimento tam pouco foi deferido, porque o Sr. Antonio Carlos offerceu dar o habito, que eu nam admitti, por isso que meu pai era já commendador de outra ordem.—

Esta viagem ao Brazil havia sido toda comprehendida á minha custa. Nam molestei para ella, nem por um real, a meu bom pai.—O meu dinheiro era o producto dos premios ganhos em varios annos d'estudos, e de obras que publicára, e que tive a constancia, apezar da idade, de reservar para este fim. Começava elle a escacear, e ate direi a faltar de tal modo que tive que recorrer a um pequeno emprestimo d'um amigo de meu pai, que ao reconhecer-se aqui, verá que delle me lembro com agradecimento.—

Pouco depois de minha volta a Portugal foi-me transmittido officialmente o decreto de 24 de Setembro de 1841, pelo qual o governo de S. M. O. Imperador me chamava ao Brazil por meio de uma amnistia, pela qual, como me foi dito officialmente, *eu entrava no gozo de todos os direitos civis e politicos.*

Apezar do máu som que produziu em meus ouvidos, ainda innocentes á politica, o termo amnistia, nam hesitei no instante. Rompi por tudo: resignei os cargos que me offerciam uma brilhante carreira, segundo a opiniam de meus amigos, e até da côrte, e me fui apresentar á nossa Legaçam em Lisboa, como subdito brasileiro, em Fevereiro de 1842, epoca que por ser casualmente a da revolução do Porto, fez a muitos attribuir a motivos politicos a minha separaçam de Portugal.

Em tudo obrava só o patriotismo, e uma cega confiança na magnanimidade do Senhor D. Pedro II:—confiança que tive a fortuna de ver justificada quando pouco depois fui nomeado addido á mencionada Legaçam.

Ahi estam os factos. Diz agora o meu calumniador que nam sou brasileiro, e lá no seu estilo *polido* que o sou de *meia cara*: que nasci *per accidens* no Brazil, e que esse nascimento nam deve valer (lá para elle).—Pois, homem!—E qual nascimento teve logar aqui ou acolá, sem ser por circumstancias accidentaes?—Qual é o brasileiro, a nam ser caboclo puro, que nam deve aos vaivens do mundo o seu nascimento no territorio do Imperio?—Mas suppondo ainda a possibilidade de marcar raias a tal respeito, nam vedes que com esse systema se iria criar um triste scisma? Nam vedes que com tal theoria procurais render ao Brazil o serviço de lhe roubardes a maior parte dos sabios com que elle ja se honra, do seculo passado para cá?—*Accidentalmente* nasceria no Brazil aquelle cuja mai levasse já em seu seu seio o futuro fructo, e exposesse este á luz estando de jornada.—Mas eu que nasci nas casas que meu proprio pai tinha feito construir, e estreei com a minha cabeça a pia baptismal da parochia para cuja creaçam meu pai desde tempos trabalhara!—Para humilhar o calumniador mais que para me exaltar, dir-lhe hei que os que nascendo em um paiz, ficam

(1) No meu borrador está rasgado aqui o papel. Deve ler-se agosto ou setembro. Nam estou bem lembrado.

naturalmente nelle e se acham quando menos pensam seus cidadãos, teram em geral sempre patriotismo; mas nem estes, nem nenhum e menos o pseudo-general boliviano, pode pôr em duvida o patriotismo daquelle que na ausencia da patria se occupa d' ella incessante-mente, e por fim a ella recolhe depois de vencer para isso difficuldades, e de dar provas de abnegaçam para coroar esta firme resoluçam.

Porem o meu detractor nam se contentou com querer que eu nam fosse brasileiro; quiz por força *ad odium* naturalizar-me portuguez.—E como eu nunca me naturalizei tal, quiz elle ahi nacionalisar a meu pai, que nasceu allemam e allemam morreu, sem ter querido nunca naturalisar-se. Em regra de direito nam optando pela nacionalidade de origem, ou por outra, era eu tacitamente allemam, como o foi meu iramam mais velho. Mas isto nam convinha ao calumniador e menos ainda a mais alguém que o inspirou, e que foi a causa *material* de ver-me obrigado a estar entretendo a imprensa com estas bagatellas.—Mas quê?—O prurito de aporguezar a todos foi tal que nam escapou da sentença um criado hespanhol, que eu levava comigo e deixei no Brazil em casa da Exma. marquesa de Maceyó, com quem ainda hoje está.—Foi um colono que á minha custa passei ao Brazil. Nem se quer ao menos soube ser sagaz. Esqueceu-se de que «Celui qui médit de tout, ne médit de rien du tout.»

A excitaçam e a raiva passou ainda muito alem destas invençoens. Chegou o calumniador a descobrir uma latrina aerea, e pensou ver sobre um telhado substancias asquerosas, que so podiam sair da sua cabeça.

De mim tenho dito bastante: á cerca de meu amigo o Conego Januario falarám mais os seus grandes serviços que o poderiam agora fazer as minhas palavras. O decano das nossas letras, o grande orador dos pulpitos, o mestre de tantas illustraçoens, o principal fundador do Instituto Historico terá uma pagina na historia do Brazil, que nenhuma baba poderá empeçonhar; se bem que muitas ingrati-doens o tenham acabrunhado de desgostos. Nenhuma outra recommendaçam tive para a sua amizade e protecçam mais que a de ver-me elle estudioso e amante do Brazil. Isto seja dito em seu elogio, e honra minha.

Granada 13 de maio de 1846.

Digitized by Google

## APPENDICE A.

### PROVAS.

#### 1.ª

ILLMO. SR. Meu presadissimo amigo. Permitta me V. S.<sup>a</sup> dar lhe este nome; e ainda que lhe pareça, que as amizades se nam contrahem tam ligeiramente, e com tam pouco tempo de communicacão, com tudo esta regra geral pode padecer algumas excepçoens, maiormente quando na amizade entra a *inclinação*, e a *propensam*; e se nem assim V. S.<sup>a</sup> quiser que eu lhe chame meu amigo, chamar-me hei eu seu, e ficaremos assim em santa paz.

Quando recibi a carta de V. S.<sup>a</sup> nam lhe respondi porque nam pude, e logo fiz tuncum de lhe dirigir duas palavras a Santatém, unicamente com o fim de saber da sua saude, e de lhe mostrar que me nam esquecia de V. S.<sup>a</sup> Agora mesmo que me preparava para cumprir este intento, recebo a de V. S.<sup>a</sup>, escrita ontem 28, e alem do gosto que tive com as suas noticias, e trabalhos *archeologicos*, tirei della a favoravel consequencia de que V. S.<sup>a</sup> nam está disposto a negar-me a sua amizade, pois tantas provas me dá della, e com tantas delicadezas trata a quem nam tem presunçam de merecer-lhas, ainda que muito o deseje.

Mil graças dou a V. S.<sup>a</sup> pela remessa das inscripçoens, que logo vam para o meu peculio. Na de Pedralvarez Cabral resta-me ainda huma duvida, que certamente nam he da copia mas do original, e consiste em chamar a infante dona Maria *filha de el rey D. Joam III* sendo ella filha de el rei D. Manoel, e irman de D. Joam III, se a minha memoria nam erra. Quando V. S.<sup>a</sup> vier examinaremos este ponto.

A segunda inscripçam fica agora perfectamente intelligivel. O homem morreo em Portalegre no ultimo dia de Maio, subseqüente ao dia da Ascensam da era 1337, que he anno de Christo 1299.

Depois que falamos a ultima vez descobri mais duas provas de que a edicam do naufragio da nao S. Joam Baptista, que eu julgava mais antiga que a outra, o he na verdade. A primeira prova he a da numeracão das folhas, que no verso nam tem numero, o que he mostra de maior antiguidade, ao mesmo tempo que a outra edicam numera a pag. no recto, e no verso.—A segunda prova he o uso que a primeira faz do «u» com força de consoante, quando a segunda o mudou em «v».—Cá falaremos mais nisto, que eu estou a fazer escrupulo de entreter a V. S.<sup>a</sup> com taes ninharias, e ao mesmo tempo a desejar ter mais cousas que lhe dizer! explique-me V. S.<sup>a</sup> estes segredos do coração humano, esta contradicão de affectos.... etc.

Já copiei a carta de Thomé Pires para a mandar á Sociedade Pharmaceutica, e já a teria mandado, se me nam fosse preciso dizer duas palavras sobre hum factio historico relativo a este homem, para o qual me foi preciso mandar pedir hum volume de Barros, porque o meu está d' aqui muito longe.

Aqui nam ha nada de novo, que eu saiba, em sentido nenhum. Hoje tenho tençam de falar com Trigoso, e tratar com elle o que for conveniente ácerca das *Reflexoens* de V. S.<sup>a</sup> sobre o *Roteiro do Brasil*.

Se V. S.<sup>a</sup> ahi se demorar, nam lhe será penoso destinar cinco minutos para me mandar o seu nome escripto pela sua letra.

Eu sou por humo feliz, e inevitavel necessidade, e já agora serei sempre=  
De V. S.<sup>a</sup>=Muito sincero amigo=Bispo conde D. F.=Lisboa 29 de Agosto de 1838.=

#### 2.ª

ILLMO. SR. Meu pressadissimo amigo. O Sr. Trigoso, que fez huma larga digressam, e tambem se queixa, como eu, de pouca saude, escreveo-me em fim

sobre o nosso negocio, e V. S.<sup>a</sup> verá a sua opiniam pela copia do artigo da carta delle.—Sempre me pareceo, que elle nam pensaria de differente maneira, e bem estimo nam me ter enganado.

Verá V. S.<sup>a</sup> tambem que elle mesmo se offerece a appresentar, e ler na Academia as *Reflexoens criticas*, e até a solicitar (se necessario for) a brevidade da impressam, depois de approvadas na forma que prescreve o estatuto académico. Nova prova do merecimento que elle achou na obra de V. S.<sup>a</sup>—Eu, como amigo apaixonado de V. S.<sup>a</sup>, tenho satisfaçam em tudo isto, e com gosto lho participo.

Mando as *Reflexoens*, que voltaram se V. S.<sup>a</sup> quiser, e quando quiser: e como espero que nos vejamos cedo, nada mais digo, senam que sou com sincera e cordial afeição e estima—De V. S.<sup>a</sup>=Fiel amigo e criado=Bispo conde D. F.=Lisboa S. C. 2 de outubro de 1838.=

Copia do artigo da carta do Sr. Trigoso relativo ás *Reflexoens criticas*.—Tive a honra de receber a carta de V. Ex.<sup>a</sup> e com ella a que lhe escreveo o filho do Sr. Varnhagem, e tambem as *Reflexoens criticas*. Li todas estas, e a conferi com o tom. 3 das *Memorias do Ultramar*, e segundo o meu fraco entender me pareceram muito assisadas. Nam vi o Ms. de que a Academia se servio, e nam sei quem foi o socio, que cuidou da edição: felizmente nam fui eu, nem meu irmao; mas fosse quem fosse, a Academia nam se deve escandalizar de que haja quem emende os erros de huma obra por ella publicada na fé do ms. que tinha em seu poder, huma vez que esta emenda seja feita, como he, em termos tam polidos, como aquelles, de que usa o autor das *Reflexoens*: e nisto estou inteiramente conforme com o parecer de V. S.<sup>a</sup>

Nam o estou porém com o parecer do autor, que deseja que a sua obra se imprima já; porque he absolutamente necessario que ella seja lida na primeira sessam litteraria, e depois censurada pelos dous directores das classes de litteratura e de sciencias naturaes; e depois se pode imprimir com a brevidade que quiser o Sr. Guardamór, a quem eu nam duvido fazer essa supplica. E para facilitar este negocio, eu me offereço e appresenta-la na Academia, e lê-la no dia 7 de novembro, que he a primeira sessam depois de ferias.

3.<sup>a</sup>

ILMO SR. E AMIGO. Ahi vai a resposta, que me veio do official-maior da torre do Tombo, ácerca de Cabral. Pouco mais diz além do que nós sabemos.

Ainda cá me fica a *Vida do infante D. Henrique*, de que supponho que V. S.<sup>a</sup> nam terá urgente necessidade. Fica-me tambem o desejo de ver á V. S.<sup>a</sup> e de lhe repetir que sou de V. S.<sup>a</sup>=Fiel e obrigadissimo A. e C.=B. C.=10 de outubro.

4.<sup>a</sup>

ILMO. SR. Venho da sessam do Conselho da Academia, aonde tive o gosto de ouvir ler as censuras das tres classes, feitas á Memoria, ou *Reflexoens criticas* de V. S.<sup>a</sup>, todas de uniforme approvaçam. O meu mesquinho louvor ficou a perder de vista, e eu nam desgostei de me ver exedido em tal materia.

Ficou tambem resolvido que na primeira proposta da classe V. S.<sup>a</sup> seria hum dos designados para nosso socio. Estimarei que isto seja pelo menos tam agradavel a V. S.<sup>a</sup> quanto foi de satisfaçam para mim.

Duvidou-se em que classe deveria V. S.<sup>a</sup> ser proposto. Eu limitei-me a reflectir que V. S.<sup>a</sup> tinha estudos em differentes classes, e que todas as tres da Academia estavam pobres de gente, e todas ganhariam com a sua acquisição. Resolveo-se que devia ser proposto pela classe, a que se reputava pertencer *particularmente* a sua obra. Consequentementeficará V. S.<sup>a</sup> na classe das Sciencias Moraes e Bellas-lettras, nam sei se á sua vontade, mas certamente á minha;

que muito estimei que V. S.<sup>a</sup> ficasse na minha classe para illustr-a e enriquec-la.

Agradeço á V. S.<sup>a</sup> e restituo a bella estampa de D. Sebastiam. Do pintor nam digo nada porque he muito conhecido, e basta que lhe chamáram o *Ticiano portuguez*. Com tudo estranhei a figura, que nam se parece com as que tenho visto do mesmo infeliz rei, feitas naquelles tempos. A lithografia pareceo-me excelentemente executada.

Offereço á V. S.<sup>a</sup> a estampa do Sr. Trigoso. Pedi ao Sr. Conde de Lavradio huma para mandar para Coimbra, e como elle foi mais generoso em dar, do que eu em pedir, ali vai essa.

Onten mandei (sem carta, que nam podia escrever) hum folheto do Sr. Felipe Ferreira que elle me deixou com esse destino. = De V. S.<sup>a</sup> fiel e obrigadissimo amigo = B. C. = Começada ontem, e acab. da hoje 3 de maio 1839.

Li e examinei com a devida attençam as *Reflexoens criticas* do senhor Francisco Adolfo de Varnhagen, offerecidas á Academia, sobre o escripto do sec. 16 por ella mandado imprimir no tom. 3, num. 4 das *Memorias ultramarinas*, com o titulo *Noticia do Brazil* etc.

O objeto destas *Reflexoens* he 1.<sup>o</sup> determinar qual seja o titulo original daquelle obra; 2.<sup>o</sup> rectificar a data que nella vem; 3.<sup>o</sup> mostrar quem foi o seu verdadeiro autor; e 4.<sup>o</sup> corregir os muitos erros, mais ou menos essenciaes, que se introduziram no impresso da Academia, huns por menos exaçaçom do copista do ms. que servio de exemplar; e outros, acaso, por descuido de correçam typographica.

Este trabalho, que por sua natureza seria importante em qualquer outra obra, he de muito maior interesse na presente: por quanto sendo ella huma das melhores e mais estimadas, que no tempo antigo se escreveram á cerca do Brazil, e sendo por isso mesmo consultada, e citada a cada passo pelos sabios modernos, que se tem occupado da historia geographica, natural, e civil daquelle paiz; cumpre ao proprio credito e honra da Academia (já que a sua edicãom sahio tam incorrecta) emendar os principaes defeitos que nella se encontram, e firmar ao mesmo tempo o genuino titulo, a verdadeira data, e o legitimo autor da obra, circumstancias, que todas devem concorrer para lhe conciliar a fé, e autoridade que convêm. Isto he o que faz (segundo o meu conceito) o erudito autor das *Reflexoens criticas*, com bom juizo e discernimento, com estilo claro e conciso, e com erudiçom curiosa, opportuna, e nam enfastiada.

He por tanto meu parecer, que as *Reflexoens criticas* merecem ser impressas pela Academia, devendo ajuntar-se ao num. 1.<sup>o</sup> do tomo 3.<sup>o</sup> das *Memorias ultramarinas*, para lhe servirem de correçam.

A Academia porem resolverá o que lhe parecer melhor. Lisboa. 6 de Fevereiro de 1839. = BISPO CONDE D. FRANCISCO.

Ilmo. amigo = Recibi em tempo devido 18 exemplares do Roteiro de Pero Lopez de Sousa; os quaes tratei de destrubuir aos competentes Assignantes: onde deseja V. S.<sup>a</sup> ser embolsado, aqui no Porto a correspondente seu, ou em Lisboa directamente?

Porem foi sómente hontem que recibi a prezada carta de V. S.<sup>a</sup> de... do passado. Agradeço muito o exemplar com que me distingue, e sem idea de lisonja achei a obra muito bem acabada, assim em relaçam á parte intellectual, como a forma typographica. (1) Cada inedito que vejo sahir á luz causa-me singular pra-

(1) A respeito desta publicaçam do Diario de Pero Lopes escreveu o conhecido literato o Sr. Rivara (Diario do Governo de Lisboa de 2 de janeiro 1840) um extenso artigo em que diz que o editor ornára o escripto «de notas preciosas, e com depurada critica reduzira a seu justo valor opinioens exageradas, etc.» — O Sr. Conde D. José Lacerda disse (*Director* num. 394 de 11 de janeiro). — «Pelo que

zer, e realça-se este quando o vejo bem *apadrihado*. V. S.<sup>a</sup> apresentou o esquecido P. Lopez a estes ingratos Portuguezes com garbo que faria honra ao Autor em sua propria vida. V. S.<sup>a</sup> bem sabe que criticos gostam mais de dizer o mal que o bem, e por isso ali vai do *costumado*; falta-lhe um mappa da viagem; é o *unico* defeito que lhe encontro.

Ainda devo uma resposta ao Sr. Bispo conde—reservo-a até fallar com o Costa sobre o roteiro de D. Joam de Castro. Eu tenho uma copia *quasi* em minha nam.—Logo que eu possa eliminar o *quasi* vai D. Joam para a imprensa. Isto entre nós:

respeita ao merecimento litterario de que faz mostra o editor, em nossa opiniam é muito grande. As notas e documentos, que exornam esta edição provam que o Sr. Varnhagen é nam menos laborioso do que dotado de sam juizo.»—«E' indubitavel disse o Sr. Raposo d' Almeida (*O Mosaico* num. 45 de 13 de janeiro) que o Sr. V. rematou o anno de 1839 com a publicaçam d' um manuscrito de indisputavel interesse e transcendente utilidade.... A obra.... está primorosamente enriquecida de notas que provam abundantemente quanto o Sr. V. é versado n' uma critica philosophica, etc.»

O mesmo Sr. V. de Santarem, com quem, por infelicidade minha, me achei desde principio em discordancia no juizo acerca de Americo, e que eu reputo o censor mais severo que tem encontrado meus escriptos, nam duvidou declarar á sociedade geographica de Paris que achava excellento o meu trabalho dos commentarios a Gabriel Soares, e é de opiniam que eu me devia occupar em uma edição de toda a obra: e na analyse, que publicou em 1840 do Diario de Pero Lopes, conclue do modo seguinte.

«Telle est l' analyse succincte que nous avons cru devoir faire, *trop à la hâte pent-être*, de la publication de *M. de Varnhagen*, qui a rendu un service important à l' histoire de la géographie du nouveau continent, en publiant un monument si intéressant et en l' éclaircissant de notes *érudites et de curieux documents*.»

Nam podemos deixar de concordar com o Sr. Visconde que a tal analyse foi feita um pouco á pressa quando nella escaparam descuidos, a que nam está costumado o illustre censor; por exemplo a má collocaçam da nossa nota 67--que se deve entender referente *aos veados tamanhos como bois*. (p. 48 lin. 23).—Sobre a ilha de S. Joam, dizendo a carta de doaçam que *ora novamente achou e descubriu* (Fernam de Noronha), o Sr. Visconde traduziu *avait nouvellement retrouvée* para tirar a conclusam de que a ilha já antes fora achada. O *retrouvée* falsifica a traducçam. Novamente, ate na boca dos cegos de Lisboa, quer dizer *recentemente*; é o latim *novè, noviter*, o francez *nouvellement*, e se a carta diz *ora* é certo que a ilha acabava de ser descoberta pela primeira vez. Quereamos tambem que fique entendido que ainda que o Sr. Visconde cita na segunda pagina da Analyse as suas *Recherches* sobre Vespucio, ellas só foram publicadas em 1842; e em meu poder guardo ainda a folha 13 a cabada de sair do prelo, em que se cita Martyr e Empoli, e que o Sr. Visconde me remetteu, pelo correio, para se justificar de que nam aproveitara essas citaçoens das notas do Diario, accusaçam que eu jamais seria capaz de lhe fazer.

Quanto a carta do meu mallogrado amigo Kopke agora reparo que nam tem ella data; devia porem ser de principios de dezembro (1839) pois chegou a Lisboa no dia 6 desse mez, segundo vejo do timbre do correio.

Nam citarei o que disse o Sr. Meira no Panorama daquelle anno (p. 398), e o mais que nesse periodico se tem dito a meu favor, por isso mesmo que eu era tambem entam socio collaborador nessa empreza, e podia o voto do companheiro ser dado de suspeito. Por iguaes motivos deixo de fazer mençam de muitas expressoens benevolas com que os meus consocios no Instituto do Rio, e por meio da sua Revista tem querido alentar-me a proseguir na marcha começada. Terminarei porem com o transcrever o artigo seguinte do *Correio de Lisboa* de 20 de novembro do mesmo anno de 1839, artigo em que indirectamente teve parte o meu illustre amigo o Sr. S. Luiz.—que no seu *Indice* das Navegaçoens impresso em 1841 teve a bondade (pag. 156) de classificar de *amui eruditas e interessantes notas* as que juntei ao Diario de Pero Lopes.--Segue o *Artigo do correio de Lisboa*:

-ao Sr. Bispo Conde poderá V. S.<sup>a</sup> communicalo em quanto eu nam o faço. O Costa foi por mim encontrado hontem,-antes de receber a carta de V. S.<sup>a</sup>

Para o Panorama pouco posso agora escrever: mais para diante veremos. A melhor guerra aos monopolistas é a guerra da publicação dos seus escondidos thesouros. De V. S.<sup>a</sup> muito venerador e amigo obrigado=Dio-go Kopke.

«A nossa litteratura acaba de ser enriquecida com esta obra, cujo assumpto li-songêa o nosso bem entendido amor-proprio. Já n' outro n.º de este jornal imprimimos o seu prospecto, e hoje cumprimos um dever sagrado declarando que o Sr. *Varnhagen*. ja tam benemerito das letras, obteve com esta publicação mais um titulo á estima e admiração dos homens letrados.

«O Diario, de que se trata, contém a relação minuciosa, até hoje absolutamente desconhecida, d' uma expedição que em 1530 foi colonisar o Brazil. O autor do Diario, *Pero Lopes de Sousa*, tambem até agora desconhecido como escritor, penetrou ja naquelle tempo cento e tantas legoas pelo Rio da Prata acima.

«Por muitas rasoes se faz recommendavel este Diario. Delle se tira grande instrucção pelo que respecta a nomenclatura, e se ajusta do aperfeiçoamento em que n'aquelle tempo se achava a nossa marinha, entam sem rival; delle se colhem luzes que esclarecem um ponto muito controvertido da historia geographica portugueza e universal; delle, finalmente, podem obter proveitosa lição os individuos que quizerem ter noticia genuina da primeira epocha da historia do Brazil. No Diario de *Pero Lopes de Sousa* acha o verdadeiro portuquez passagens que o extasiam: ali vê que os seus antepassados nam se limitavam a vencer indios, nem a tirar facil vantagem de povos semi-barbaros; mas que obravam prodizios de valor combatendo os francezes, que sempre saíram escarmentados de quantas contendas tiveram connosco na America.

«O estilo do autor é o do seculo de quinhentos: achamo-lo sempre facil, e por vezes bello, especialmente na descripção de alguns phenomenos naturaes e na dos indigenas; fazendo lembrar frequentemente, como diz o editor, a «saudosa melancolia do saudoso Bernardim Ribeiro.» A orthografia nam é muito antiga; e dahl resulta um bem apreciavel, e de ser mais commoda a leitura.

«O estudo das viagens produz o grande fim da instrucção por meio muito suave e agradável. A este respeito copiaremos as tam breves como judiciosas reflexoens do Sr. *Varnhagen*:

«A historia (diz elle) dos descubrimentos maritimos, offerecendo o maravilhoso das viagens e por vezes os encantos do romance, excita a curiosidade, e é de todo o auxilio e interesse para o estudo das revoluções occasionadas, em varias epochas, na civilisação das differentes partes do globo. Se as explorações e estabelecimentos d' Africa influiram nas suas guerras intestinas--se o achamento da America trouxe, com o germen de uma mais adiantada e progresiva illustração, bens á humanidade, ou se males pelos milloens de mortes que originou, se as guerras dos portuguezes na Asia, fazendo diversos aos que combatiam pelo crescente, livraram a Europa d' uma invasão de turcos--se o indomito oceanico teria melhor sorte livre do seus modernos civilisadores--se finalmente isto tudo influio e até que ponto nos diversos estados e nações da Europa.--sam questoes todas importantes do mister historiador-philosofo, e ás quaes serve de primeira base a collecção descriptiva das expedições de mar. E' para enriquecer esta collecção que publicamos o presente inedito, que vai preencher uma grande lacuna até hoje existente na historia do Brazil.

--«E' este livro, que o publico vê pela primeira vez, um dos que, por mau fado encerrados e desconhecidos, atravessando seculos, aparecem como enviados para esclarecer pontos controversos e aliviar a critica; e que, rasgando assim d' um golpe folhas de enfadonhas polemicas e certames litterarios, fornecem documentos irrefragaveis sobre que uma vez se descance firme.»

«O editor illustrou a obra, que dá ao publico, com muitas notas importantes, entregando-se para esse fim a um trabalho incalculavel: entre estas notas apparecem

LEMO. SR. Nam estou hoje para fazer cumprimentos, nem para rallar, nem para agradecer, nem para fazer censuras e julgar os vivos e os mortos. Tenho-me visto há dias tão opprimido de impertinentes ninharias, sem poder gastar o tempo a meu sabor. Por isso demorei as *Reflexões criticas* sabendo que V. S.<sup>a</sup> havia de querê-las lá, e desejando muito expedil-as.

nove documentos extrahidos da Torre do Tombo, nenhum dos quaes pode considerar-se de valor insignificante. Mostra com toda a evidencia desde quando data a descoberta da ilha de Fernam de Noronha. Com subtilissima critica apresenta o Rio de Janeiro descoberto trinta annos antes do que geralmente se suppoe. Declara quizes foram as primeiras colonias e feitorias portuguezas naquella parte do mundo novo; e quasi evidentemente reveindica aos portuguezes o descobrimento do Rio da Prata. Entra, em fim, na tam disputada controversia a respeito de *Americo Vespuccio*, combatendo as opinioens sustentadas pelo Sr. *Visconde de Santarem* no Bolletim da Socied. Geog. de Paris de 1830 --36--37.

«Todas as notas são apropriadas ao assumpto. O editor nam adoeceu d'um certo pedantismo que ainda hoje é mui vulgar--o de accumular citaçoens sem conta, pêso nem medida. Sobre tudo é de muito merito a *cotejaçam* geographica das localidades, que autor percorrem, com o que dam as obras de hoje, especialmente os roteiros maritimos inglezes. Este trabalho faltou (e nam é pequena falta) ao editor do *Roteiro de D. Joam de Castro*.

«Era nossa vontade copiar alguns trechos do Diario, que annunciâ-nos; porêrn cedemos deste empenho pela difficuldade, sem duvida invencivel, em que iriamos entrar. Se quizessemos dar logar neste artigo a tudo quanto nos parece de notavel interêsse no Diario, teriamos materia nam para um artigo de jornal, mas para muitos. Pedimos pois a leitura d'elle a todos os amantes deste genero de litteratura, e aconselhâmos os que ja possuem o *Roteiro de Vasco da Gama*, publicado no Porto, a que lhe juntem este, nam menos nitido, e ficaram com um livro digno do particular apreço. Proportionalmente fallando tem o ultimo publicadô muito mais interesse e novidade do que o de *Vasco da Gama*; por quanto este ja tinha sido visto e copiado por *Castanheda*, como o provam os editores, e o de *Pero Lopes* era totalmente desconhecido dos bibliografos, etc.»--

Como os ataques que recebi com o fim de se me declarar juiz incompetente (para accusar um vergonhoso plagio!) foram tendentes a reduzir-me a situaçam de analfabeto, seja-me licito declarar aqui que ao voltar do Brazil fui eu eleito secretario geral da associaçam litteraria do Conservatorio real de Lisboa, instituida creada pelo meu bom amigo o Sr. Garrett; e que em uma sessam publica celebrada no dia 21 de dezembro desse anno, em que se recitaram os elogios dos socios que haviam fallecido, tive eu a honra de ser um dos escolhidos para orar juntamente com os Sres. Mendes Leal, José Estevam, Garrett, Castilho, A. Herculano e Grande.--Eu preferi orar pelo almirante Costa Quintella que tam bom nome deixára no Brazil; e o meu discurso corre impresso com os outros entam recitados.--Delle deu noticia o Sr. José Frederico Marecos, no *Diario do Governo* do dia seguinte (22) com as seguintes expressoens que transcrevo para tormento do calumniador: «O discurso do Sr. Varnhagen offereceu tudo que podia esperar-se de um grande talento ajudado, de assidua applicaçam em tam poucos annos. A nobreza «dos pensamentos, a exactidam das observaçoens, a ordem das ideas, a correçam e «a naturalidade do estylo do joven orador, fariam honra a mais exercitado e maduro engenho.»

Con fesso que me sinto acanhado e meio acobardado com ter que rebaixar-me a transcrever tantas expressoens de favor, que eu de ninguem pedi.--Mas em parte necessito dellas para me animarem a continuar a escrever, contra a vontade de meu caluniador, que quiz fazer crer vilmente ao publico que só o Conego Januario (a quem segundo elle, eu caíra em graça por motivos que elle lá sabe tinha apreciados meus trabalhos.

La foram com os papelinhos em que hia lançado o que me occorria, para depois escolher, e arranjar, e mandar. Se V. S.<sup>a</sup> tiver paciencia de os ler, e achar alguma cousa que se aproveite, muito bem. Se nam aprompte a sua obra para o dia da sessam academica, porque com isso nam fica V. S.<sup>a</sup> privado de poder depois fazer-lhe alguns retoques miudos, ou quando se for imprimindo, ou ainda antes da impressam.—O impresso da Academia he miserrimo, e indica ou supina negligencia, ou supina ignorancia no que tratou da edicam, ou a corregio.

Peço alguns dias de demora da «*Theorie de la Terre*» e do *Rozet* que ontem veio, se isso nam causar prejuizo á V. S.<sup>a</sup>, quero dizer, aos seus estudos.—As mais obras, e obrinhas restituirei brevemente.

He natural que V. S.<sup>a</sup> saiba quem he, ou foi, o autor do *Quitubia*. Já leo o *Uruguay?* he do mesmo autor, e se tiver vontade de o ler mandalo-lhe, porque o tenho e he raro.

Ate aqui tinha eu escrito antes de ontem; mas nam foi para meu prato (como dizem) poder acabar a carta. Ella ahi vai, e brevemente darei melhor conta de mim, se antes disso nos nam virmos.

Ahi vam algumas cousas que V. S.<sup>a</sup> acaso gostará de ver, ainda que tambem o supponho todo *azafamado* com os seus trabalhos e afazeres, e tal vez rogando-me pragas por eu lhos augmentar, ou embarçar.—Adeos nam digo mais palavra, nem he necessario já dizer lhe que sou de V. S.<sup>a</sup>=Fiel e apaixonado amigo e muito obrigadissimo=B. C.=Sempre lhe digo que nam tenho geito para *Lavateriano*.—Em poucas fisionomias acho o que lhe acham os livrinhos.= S. C. 4 de novembro 1839.

7.<sup>a</sup>

ILLMO. SR. Parece-me conveniente que V. S.<sup>a</sup> torne a lançar os olhos ao *Indice* (1), e agora especialmente á *Nota sobre o infante D. Henrique*, nam fazendo leitura rapida e ligeira; mas assentada e reflexiva; porque já se nam trata de *nós* *palrarmos* na materia, mas sim de a expor aos olhos do publico, que *palrará* (se poder) com menos boa fe, e com menos docilidade. Nam se lhe dê a V. S. de que nisto se gastem alguns dias mais: leia quando poder, e como poder, mas da modo que digo «*com reflexam.*»—Conta-se que dizia o Marquez de Pombal e hum official que escrevia no seu gabinete: «*Vamos de vagar, senhor, que tenha pressa disso feito.*» Eu tambem digo: «*vamos de vagar*» para fazer de pressa o bem o que queremos. Se V. S.<sup>a</sup> julgar necessario, ou conveniente e util *dar o alguém vista* desse escripto, nam repugno, com tanto que seja pessoa da sua confiança, e capaz de advertir alguma cousa boa. Eu tenho amor proprio como V. S.<sup>a</sup> o tem, e os mais homens; mas nam tanto, nem tam desarrazoado, que nam aceite, e attenda de boa vontade a correccam bem fundada. A esta carta tam séria nam quero acrescentar se nam outra cousa ainda mais seria, e he que sou=De V. S.<sup>a</sup> fiel amigo.=B. C.=S. C. 7 de dezembro 1839.

8.<sup>a</sup>

ILLMO. SR. Por ordem do Sr. Rivara, hoje mesmo recebida, ponho nas maos de V. S.<sup>a</sup> o ms. do illustre Duarte Pacheco, que elle quer lá ter para quando S. S. Magg. visitarem a Bibliotheca. Dizem-me que SS. Magg. sahiram d' aqui no

(1) Publico esta carta porque é ella uma prova do conceito que fazia de minha applicacam o illustre autor dos *Synonimos portuguezes*. A obra a que se refere é o seu *Indice das navegaçoens* que depois se imprimiu. As duas seguintes dou publicidade para provar que o grande prelado, a quem tanto devo e cuja memoria sempre bendirei, continou a favorecer-me com sua amisade ainda depois de ser chamado a principe da igreja.

dia 5 de outubro. V. S.<sup>a</sup> regulará a remessa por esta noticia, ou por outra que tenha mais exacta.

Ainda estou á espera da visita que V. S.<sup>a</sup> me prometteo. Pociencia! Os dias passados perguntei ao Dez. Carneiro aonde pousava o Sr. La Granje: disse-mo; tomei lembrança em hum pequeno papel; e perdeo-se. Se V. S.<sup>a</sup> o vir faça-me favor de dizer-lhe que eu desejava cumprimentalo, bastando para a minha estimaçam (quando nam houvesse tantos motivos) o haver S. S.<sup>a</sup> publicado as Instrucçoens de Pombal, que já vi, e li ávidamente. Adeos. De V. S.<sup>a</sup> sempre amigo, sempre estimador e obrigadissimo.=Cardeal Patriarca.=Sam Vicente 27 de setembro 1843.

9.<sup>a</sup>

ILLMO. SR. Se V. S.<sup>a</sup> se lembra de ter recebido a primeira carta minha em Santarém ha cinco annos, tambem eu me lembro de ter recebido muito antes as visitas de V. S.<sup>a</sup> na minha linda caza do Passadiço (linda até por esse motivo), e nunca vejo o Sr. Baram de Eschwege, que nam bemdiga o ter-me elle preparado e facilitado tantas horas de verdadeiro prazer e satisfaçam.

Santarém, villa notavel por tantas recordaçoes historicas, vai cada vez em maior decadencia, e esta se consumará quasi de todo com se remover d'ahi o governo civil, segundo dizem, e se receia. Com isto concorre, e disto se segue a ruina de tantos edificios religiosos, que d'antes a adornavam, e enriqueciam. Ca me constou a demoliçam do colleginho de S. Bento, e tive pena porque fui Benedictino, e porque conhecia a bella situaçam d' elle, em outro tempo frequentado de todos os homens eruditos, religiosos e seculares, da villa, que enamorados do local, e estimadores de alguns religiosos instruidos que o habitavam, concorriam quasi todas as tardes a passar o tempo em agradavel conversaçam.

Vai a licença que V. S.<sup>a</sup> me pede para visitar o Santo Milagre. Esta licença sempre se costumou pedir, ou para augmentar o resguardo e veneraçam do que se mostra, ou para diminuir o incommodo de quem o mostra. Mas he provavel que muitas vezes se tenha preterido esta formalidade, alias pouco necessaria, se nam para evitar o menosprezo, que ordinariamente se faz das cousas que nos sam muito familiares.—Já que que nam presto para mais nada, sirvo com gosto ás devoçoens de V. S.<sup>a</sup>

Thomar tambem tem que ver, antigo, e moderno. Em tudo falaremos, se V. S.<sup>a</sup> quando aqui voltar, quizer dar-me alguns momentos de prazer. Em Lisboa nam ha nada de novo que eu saiba, nem he novo ser eu, sempre eom affecto, e com respeito=De V. S. fiel e obrigadissimo venerador amigo el=C. F. Cardinal Patriarca.=Lisboa 9 de outubro 1843.

10.<sup>a</sup>

Madrid 24 de enero de 1840.=Muy Sr. mio: he recibido con mucho apreio y leido con particular complacencia el diario de la navegacion de la armada que fué al Brasil el año 1530 al mando de Martin Alfonso de Sousa, escrita por su hermano Pedro Lopez de Sousa, y publicado é ilustrado por vd. no solo con oportunas notas é importantes documentos, sino con eruditas observaciones que descubren muchas noticias recónditas é interesantes. Entre ellas han llamado mi atencion las que vd. en las páginas 74 y siguientes sobre los viages que Americo Vesputio hizo en las naves ó armadas portuguesas conformando tanto las circunstancias que refiere con las ocurridas en las expediciones que por entonces habian emprendido y dirigido otros capitanes expertos portugueses, así como copió sucesos del viage que hizo con Hojeda en las relaciones de los que supone haber hecho por encargo ú órden del rey de Castilla; pudiéndose concluir afirmativamente con vd. que Americo fué en dos expediciones portuguesas y mandadas por portugueses á explorar una tierra descubierta ya por

un portugués; y que lo mismo habia hecho respectivamente en Castilla.

Lo que yo no he podido averiguar es el objeto que lo llevó á Portugal desde mediados del año 1500 en que volvió á España del viage que hizo con Hojeda hasta principios de 1505 en que de regreso (al parecer) de aquel Reino, partió desde Sevilla á la Corte. Tal vez el rey Católico lo envió con encargo reservado para observar si los portugueses se establecian en las costas de Tierra-Firme que acababa de visitar con Hojeda, así como en 1503 envió á Juan de la Cosa con el mismo objeto y lo prendieron en Lisboa. Veá vd. mi coleccion de viages tomo 2.º, documento 149, página 292; y el tomo 3.º página 318; y la carta de Colon tomo 1.º, página 351, en que dice desde Sevilla en 5 de febrero de 1505, que Vespucio iba llamado á la Corte sobre cosas de navegacion.

Si se tienen presentes los años de la vida de Vespucio y los documentos que los fijan se verá que solo pudo faltar de Castilla desde mediados de 1500 hasta principios de 1505, y que á su regreso se le atendió ya con ayudas de costa, ya dándole carta de naturaleza de los reinos de Castilla y Leon, ya la consideracion de capitán como se le nombra en algunos documentos de esta época, ya nombrándole piloto mayor con gran sueldo y gratificaciones, y otras gracias á él y á su familia, con las cuales no fué tan contraria la fortuna como habia creído Colon. Porque si iba á la corte llamado para dar cuenta de la comision con que, al parecer, fué á Portugal sobre cosas de navegacion, es claro que cuando habló en Sevilla con Colon no podia tener las recompensas que obtuvo despues de haber dado cuenta é informado al rey católico del desempeño de sus encargos. Estas que son inducciones y conjeturas muy probables, podrian elevarse á hechos ciertos si se hallasen en esos archivos algunos documentos como los hay en el de Indias de Sevilla.

Disimule usted la proligidad y disponga del fino afecto con que es su mas reconocido y seguro servidor Q. B. S. M.=Martin Fernandez de Navarrete. =Sr. D. Francisco Adolfo de Varnhagen.=P. D.=En habiendo proporcion remitiré á usted un ejemplar de los cinco tomos de mi coleccion de viages de los cuatro que me quedan.

11.ª

Rio de Janeiro 21 de setembro de 1842.=Illmo. Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen.=Penhorou-me em extremo a carta, com que V. S.ª me honrou em data de 10 de março passado, e nas suas expressoens divisei o coração dotado da quella bondade, da qual possuia ja amplas informaçoens.

Em consequencia do que nella me annunciava sobre suas pretençoens nesta corte, apezar da pouca valia, em que me considero, recorri a os nossos amigos communs para me orientar na materia, e poder entrar na sollicitaçam dos seus despachos unido á elles; quando ouvi com satisfaçam, que tudo se achava concluido, pelo que dou á V. S.ª meus cordiaes parabens; o que mais me agradou e interessará á todo Brasileiro, foi o seu despacho de Addido da primeira classe á Legaçam Brasileira em Lisboa, por conciliar os seus louvaveis sentimentos de assistir ao seu velho Pai, e de continuar a prestar ao nosso Instituto, e em geral á Naçam, os serviços ja importantes, que lhe formam huma repuaçam distincta na carreira das letras.

Com huma soffreguidam, que se sente, mas nam se exprime, espero ler o trabalho do Sr. Francisco Freire de Carvalho. (Seguem assumptos estranhos).

Resta-me rogar á V. S.ª o favor de resolver huma duvida em que eu e algumas outras pessoas entramos, avista do=Indice chronologico das navegaçoens e viagens.... dos portuguezes nos paizes Ultramarinos=que apparece aqui, acobertado com o nome illustre de um grande Litterato desse Reino, bem que no frontespicio nam venha expresso seu nome, em quanto apparece a pag. 87 Anno de 1500=assignado o dia do descoberta do Brazil, differente daquelle que marcam os escritores do tempo; he huma differença essencial, encontrar-se-hia acaso algum posterior documento irrefragavel?

Acceite V. S.<sup>a</sup> os protestos de invariavel estima e consideraçam com que preso de ser de V. S.<sup>a</sup> affectuoso amigo, e patricio muito obrigado.=Visconde de S.<sup>m</sup> Leopoldo.

12.<sup>a</sup>

Illmo. Sr. Francisco Adolfo Varnhagen.=Rio de Janeiro 15 de marzo de 1843.=Neste momento recebo a carta obsequiosa de V. S.<sup>a</sup> de 26 de janeiro proximo passado, e agora mesmo se me anuncia, que se proporciona occasiam para respondela; aproveito-a pois, principiando por dar a V. S.<sup>a</sup> sinceros agradecimentos pela promptidam, e bons officios que por mim empregou para com o meu antigo, e respeitavel amigo o Sr. Francisco Freire: eu procurarei ler no volume indicado das Memorias da Academia, mas desde ja logro a satisfaçam de que ambos fizemos o nosso dever o Sr. Freire reclamando a gloria da descoberta para os Portugueses, e eu para os Brazileiros, e com especialidade para hum meu patricio, natural de Santos, cuja naturalidade ninguem m'a contestará, porque fui de proposito á Santos indagar no cartorio das orfaos os respectivos Actos de Inventario.

Muito me maravillhou a opiniam fundamentada que V. S.<sup>a</sup> ratifica, sobre o dia do descubrimento do Brazil, contra a torrente dos Chronistas Damiam de Goes, ect. muito folgarei que V. S.<sup>a</sup> a corrobore com os novos documentos que descubriu, e a publique, para a seguirmos sem o minimo escrupulo.

Ainda que avançado muito em idade, rodeado de pensoens, que me absorvem o tempo, dedicarei o resto de meus dias em coordenar os memorias dispersas da nossa Patria: o espirito emprehendedor dos nossos Paulistas acaba ainda de manifestar-se em meio das desordens desta desgraçada quadra, descubriendo, ou explorando de novo aquella bella regiam, a antiga Guayra dos Jesuitas, cuja derrota, dos exploradores, terá V. S.<sup>a</sup> occasiam de ler em a nossa=Revista Trimeasal=onde no Instituto, assentamos de publica-la.

Faço votos para que nam arrefeça em V. S.<sup>a</sup> esse seu ardor pelas letras, do qual auguramos tam preciosos acquisiçoens para a Patria; persuada-se V. S.<sup>a</sup> que sinceramente e com os mais vivos sentimentos de admiraçam, e particular estima sou de V. S.<sup>a</sup> Amigo e patricio muito amante, e obrigado=Visconde de S. Leopoldo.=

APPENDICE B.

Illmo. Sr.—A' cerca de um folheto, que escrevera um autor para se defender de certas arguições, disse D. José Barboza, no catalogo das Rainhas: «Respondeu... tam revestido de termos ridiculos e indecentes, que mais serve de riso que de resposta.» E acrescenta: «O serio deve-se tratar como serio e o jocoso como o jocoso; mas confundir estes extremos ou é falta de os conhecer ou de ignorar a natureza das materias de que se trata.»

Parece que o digno irmao do abbade de Sever nos quiz deixar estas linhas para hoje as applicarmos a mais alguem: e eu para evitar o ver-me tambem comprehendido nellas, e ao mesmo tempo para deixar explicadas algumas duvidas ou observaçoens suscitadas contra as doutrinas historicas que emitto no parecer ou *juizo* impresso no n.º 21 do Tomo 6.º da *Revista* sobre o compendio da Historia do Brazil passo a dar soluçam aos dez quisitos seguintes, sobre os quaes versam os reparos de um pseudo-critico, a quem replicarei á parte,—para o que trago comigo as necessarias notas, que só demandam dois dias de paciencia para serem postas em ordem.

1.º.—*Como explico eu o haver dito em 1839 que se havia perdido a obra de Joam de Barros sobre a terra de Santa Cruz com o opinar em 1843 que elle nunca a escrevera?*

R. E' claro que, havendo estudado durante os quatro annos de intervallo, podia mudar, como mudei, de opiniam, e se assim o declarei é porque o meu amor á verdade é superior ao capricho de sustentar uma opiniam em que deixo de ter fé.—

Os fundamentos que tive para mudar de opiniam foram: 1.º. O saber em 1842 pelo conselheiro Costa e Sá que da tal obra nam se faz mençam n'uma lista dos manuscritos deixados por Joam de Barros a seus herdeiros, que se achava em poder dos Barbas de Leiria.

2.º O plano de Barros, na sua historia das Conquistas portuguezas, era o que em tudo, excepto no que respeita ao Brazil, veio a realizar Faria e Souza.—A sua 1.ª parte comprehenderia a Europa; a 2.ª a Africa; a 3.ª (que escreveu e publicou) a Asia, e a 4.ª a Santa Cruz. De todas estas partes tinha elle o plano traçado, a ponto de poder enviar o leitor a ellas; mas, quanto a mim, começou a redigir a Asia, e na redaçam da Asia ficou. E senam porque começou a impressam pela 3.ª parte e nam pela 1.ª e 2.ª que foram os verdadeiros pontos de partida para se entrar na conquista da Asia? E' porem elle mesmo quem se denuncia nos seguintes termos: «Das quaes partes querendo nós escrever successivamente... com adjutorio divino, que para isso imploramos»... «a terceira, que é esta que temos entre maos.» «A quarta parte da historia, diz elle (D. 1.ª L. 1.º C. 1.º), haverá (no futuro note-se) nome *Santa Cruz*.—

Logo os logares da primeira decada (liv. 5.º cap. 2.º, e liv. 6.º cap. 1.º) em que Barros cita a tal quarta parte da grande obra, só se devem entender como uma remissam que elle deixava feita a essa parte nos assumptos de que ella havia necessariamente de occupar-se com mais extensam.—Assim se devem entender tambem as remissoens ás outras duas partes, á sua *Geographia*, etc., etc. Barros podia, como certos escriptores modernos, comparar-se aos alfaiates que talham mais obra que a que podem coser.

2.º.—*A vista de tantas faltas que ha na historia de Southey como o defendo por bom histortador do Brasil?*

R.—Repito o que digo no numero 21, pag. 63 da *Revista*. Os erros em que caiu Southey nam provêm de sua falta de critica; mas da falta de documentos que eu desenterrei dos archivros combinand-os convenientemente:—documentos que elle proprio previa que deviam um dia apparecer, com vantagem para a historia do Brasil. Nam serci eu pois quem o chame a juizo por esses erros quando a par delles tanto de bom ha (e nisto tenho por mim a opiniam de Hum-

boldt) nesses tres preciosos tomos.—Eu digo a tal respeito, com Horacio:

*«Ubi plura nitent... non ego paucis offendar maculis.»*—

Notar hoje erros em Southey, pelo socorro dos novos inventos (na maior parte dos quaes tive parte) é proceder tam miseravelmente como um pedante que, ao concluir actualmente seus estudos scientificos, fosse notar faltas de sciencia em Plinio, ou em Linneo.

3.º—*Como justifico eu serem fabulas as historias acerca de indigenas gigantes e anoesns?*

R.—Pelo bom senso; e se este nam é bastante, pela authoridade do celebre d' Orbigny que viajou muitos annos na America do sul, só para escrevera sua obra *De l'Homme Américain*, na qual diz no tomo 1.º pag. 88:

*«Il est peu de parties du monde où l' on ait plus exagéré la taille qu' en Amérique: on a vu tour à tour, au nouveau monde, des géans, des colosses de trois mètres, à coté de nains, de pigmés de cinq à six palmes seulement. Qu on se soit si fort écarté de la vérité dans un siècle où le vrai n' aurait paru que vulgaire, dans un siècle ami du merveilleux, nous n' en sommes pas surpris; mais ce dont on pourrait s' étonner, c' est que de pareilles fables, tout au plus un peu modifiées, se soient maintenues à nos jours.»*

4.º—*Havia ou nam uma naçam Tapuya?*

R.—Em meu entender, nam. Havia sim *Tapuyas* que foram expulsos do territorio pelos Tupis, mas, segundo todos os indicios, eram esses *Tapuyas* gentes de muitas naçoens. Tapuya nam quer dizer senam inimigo, segundo nos ensina o chronista Vasconcellos; e os indigenas Tupis do Pará mansos chamam ainda Tapuyas aos da sua mesma raça menos domesticados, e os do sul chamavam *Tapuy-Tinga*, isto é o tapuyas brancos aos Francezes, inimigos dos portuguezes (*Dicc. Brazil. p. 42.*)—

5.º—*Por que digo que o Rio de S. Matheus é o bem conhecido Cricaré.*

R.—Porque este nome é muito conhecido em todos os authores. Faz mençam delle a Corographia Brasilica, o Dicionario Geographico Brasileiro traduzido pelo Sr. Moura, Gabriel Soares, e este se commentador nas Reflexoens Criticas. etc. etc.

6.º—*Por que razam nam faço eu conta com opadram da Cananã, no qual se tem dito ler-se esculpida a era=1503?*

R.—Porque fui em pessoa examinal-o, e ahi, com o Sr. Major Oliveira e seus filhos, possuidores de uma fazenda visinha lavrámos auto do que se vê nesse padram, que nem tem data, nem inscriçam, e menos tem a esfera, infallivel divisa do afortunado Manuel. Esse padram foi levantado por Martim Affonso, como provarei em outro logar.

7.º—*Como assevero a pag. 132 das Primeiras Negociaçoens Diplomaticas que P. Lopez tomou a feitoria franceza em Pernambuco, quando voltava ao Reino?*

R.—Tenho para isso provas nos documentos, alguns em francez, que publicarei em seu logar.—Os scepticos que recebam com a espera o tormento de seu scepticismo.

8.º—*Porque creio eu nas navegaçoens d' America e insisto em sua defesa?*

R.—Pela mesma razam porque sempre o fiz: por um sentimento invencivel de humana justiça, porque estudei a questam em vez de me associar, antes de exame, ao injusto clamorêo geral que contra elle se levantou, só por nam haver merecido tanta gloria, como a que lhe quizeram dar, pondo o seu nome a um continente.

Felizmente que a sua memoria ja nam necessita hoje de que a advogue a minha pobre penna: encarregou-se de sua justa defensa a maior autoridade deste seculo—o grande Humboldt—na concluzam do *Exame critico* sobre a historia do novo Continente, obra escripta com a maior erudiçam e independencia, e um admiravel espirito analytico. No nome *America* nam teve elle parte alguma; quem disse se lembrou foi um allemam chamado Martim *Ilacomylus*, ou antes Martim Waldseemüller. As cartas suas que se imprimiram resentem-se do abando-

no de quem as dirigia a seus amigos, sem pensar em que ellas seriam dadas ao prelo; longe de ser rival de Colombo era elle, segundo o testemunho deste ultimo, seu amigo e homem de bem. «O concurso de circumstancias casuaes lhe deu uma celebridade, cujo peso durante tres seculos, tem carregado sobre sua memoria, apresentando motivos para envilecer seu caracter. E' uma posiçam rara na historia dos infortunios humanos: é o exemplo d'uma reprovacam moral crescendo com a illustraçam do nome.»—

9.º — *Como ousou apresentar ideas novas acerca do Caramurú?*

R.—Remetto o leitor ao que digo nas notas da minha ediçam do anno passado de nossos dois primeiros poemas epicos. E espero a sentença.

10.º — *Como authenticou eu os nomes dos doze donatarios primitivos do Brazil?*

R.—Pelos documentos da Torre do Tombo, de que ja dei noticia, corroborados pelos factos que juntarei na minha obra; para os scepticos nam valeriam aqui dissertaçoes a tal respeito.

Concluirei com algumas reflexoes mais. Escrever uma historia, encarar nella devidamente os factos, e contal-os com algum interesse para o leitor, e com proveito para o paiz, nam é ser mero compilador. Para escrever uma historia é necessario ter fé viva no que se escreve, e um *enthusiastico* amor pela verdade: é necessario que a alma do historiador se tenha arrebatado á vista da grandeza dos acontecimentos que tem de descrever, a fim de apresental-os elevada e nobremente. Para ajuizar os factos é necessario que o historiador tenha erudiçam no assumpto, critica historica, independencia de caracter, luzes geraes dos conhecimentos humanos e consciencia: é necessario que seja grave, urbano, e que tenha miras de homem de estado.—Para ser compilador e ainda melhor *plagiario* basta ter ido á escola e saber copiar treslados, e ter muito atrevimento,— como tem sempre os mais ignorantes.

Em todo caso se V. S.ª vê que no Brazil se acolhem e leem os escriptos de polemica litteraria, devemos ter esperanças pelo progresso das lettras. Os mesmos desmandes da imprensa, que ás vezes a deslustram com deshonra do paiz, chamam a attençam do povo, amigo da maledicencia, sobre assumptos de que nam curava; e quando menos elle imagina está interessado na litteratura patria. Assim succede na politica: o gosto da maledicencia atrae leitores aos jornaes, e uma vez ganho o amor á leitura, os leitores se vam melhorando e desejan-do doutrinas mais seguras.—E' pois necessario nas lettras como na politica que alguns caracteres de maior abnegaçam, virtude hoje rara, se exponham ás ballas inimigas:—se arrisquem até a ser victimas, ou a ganhar a palma do martyrio. E o martyrio na religiam das lettras tambem dá gloria immortal.

Concluirei este officio com uma nota das principaes erratas do dito juizo por mim escripto e impresso no tomo 6.º—

PAP.	LIN.	ERROS.	EMENDAS.
61	12	despoetizar	desprezar
»	25	segurança	regeneraçam
»	30	em proveito	com proveito
62	17	intimo e subtilissimo	lidimo e purissimo
»	Pen.	usos.	erros
63	(Nota.)	mahe.. inuch, history	make, much, history
64	32	de o nam	de nam
65	Ult.	que	a que
68	8	Tudo quanto se segue nesta pagina e na seguinte (menos as duas ultimas linhas) é continuaçam da nota de pag. 67.	
70	11	as respectivas	os respectivos
74	8	civil	cível
82	5	inventaram	inventam
»	(Nota.)	Aleantine	Meantime

Rogo a V. S.<sup>a</sup> o favor de empregar seu valimento para que esta carta tenha um logar na Revista.

Deus guarde a V. S.<sup>a</sup> = Sevilha 1.º de abril de 1846. = Illmo. Sr. Conego Jaunario da Cunha Barboza. = F. Aldolfo de Varnhagen.

P. S.

MADRID 10 DE JUNHO 1846.

Em quanto estavamos vendo as provas das paginas anteriores nos chegou ás maos a seguinte carta a qual daremos aqui cabida, com o artigo que o acompanha, em cuja leitura nam nos detivemos; pelo que nam tomamos por elle nenhuma responsabilidade, e pelo contrario reprovamos até a sua forma; pois somos oppostos a que taes assumptos se tratem assim. Eis a carta.—Illmo. amigo.—Rio de 2 de fevereiro 1846.—Hontem lhe escrevi uma carta sufficientemente comprida, e lhe promettia um supplemento a ella se podesse escrevel-o com tempo. Por minha vontade teria este a mesma extensam, pois tendo sempre muitas coisas que lhe dizer, sempre me ficam algumas no tinteiro: mas hoje sinto-me com poucas forças.—Faço esta só para lhe remetter confidencialmente o incluso borram do começo de um artigo contra o *Massas* que o..... queria fazer publicar no..... ao que nam annui, uma vez que V. S.<sup>a</sup> se propoe a responder, e poderá aproveitar delle o que lhe convenha; se bem que, no meu entender, «para um bandalho ou o desprezo ou o vergalho.»

Nam se esqueça de me mandar para a nossa Revista a biographia do Duram melhorada como diz. Venham tambem os apontamentos para a de Gomez Freire, modelo de governadores.—

A deus Sr. Varnhagen: tenha mais saude que eu, e siga dando gloria ao Paiz. Sou com todas as veras. =De. V. S.<sup>a</sup> =Venerador, amigo e consocio. =C. Barboza. =

Segue o Artigo a que se refere a carta supra.

Tratava-se de construir nesta Capital um grande monumento. Estava nisso empenhada a dignidade do paiz, a gloria do Monarcha, os desvelos do governo, a protecçam das camaras e a actividade de quantos se poderam associar á obra. Deitou-se maos a ella: acarretavam-se pedras, levantavam-se andaimes, lavrava-se um que outro pedestal. Havia entre os socios a maior fraternidade; os estrangeiros começavam ja a admirar tam alto pensamento.—Eis que o mais ignorante e desprezível da sociedade propoz-se a ser o Judas della. Encontrando em uma *tapera* um rancho abandonado imaginou que, telhando-o de novo e rebocando-o com algumas pedrinhas roubadas a donos que nam citava, tinha conseguido levantar o edificio que se projectava.—Este edificio era o da Historia Nacional, para que trabalha o Instituto Historico.

Apenas constou aos mestres principaes a temeridade daquelle, que por sua estulta vaidade era o menos capaz de fazer concerto com geito, mandaram a um de seus irmaos que fosse fazer á obra uma vestoria. Este fiel á lei do sino saíam, obedeceu immediatamente; chegando á *tapera* encontrou o tal casebre com os esteios podres, rebocadinho porem de branco; e o tal Judas á porta chamando todos á oraçam, como se aquillo fosse templo. Veio contar aos mestres o que vira, disse quem era o verdadeiro dono (ainda que *adullerino*) da *tapera*, as caraminholas que notou no unico quarto em que entrou, e os remendos ahi feitos com algumas lascas tiradas da pedra que se juntara na grande obra.—

Indignados todos os mestres de que se profanasse assim seu santuario, e que chamasse templo o que nem era pagode (em qualquer sentido da palavra) decretaram arrazal-o.—Foi porem decidido que para evitar escandalo se empregassem boas formas, como cumpria á corporaçam. Nomeou-se para executar o plano um dos socios mais jovens e mais modernos, mas conhecido por seu amor ao trabalho e considerado até no rebocado casebre pelas suas obras anteriores. Este irmam *pedreiro* (tal nome é o que lhe dá o Judas da *tapera*) fez o seu dever. Disse a verdade.

Entam o da *tapera* que ja era meio louco, que ate se chamava General, e punha no peito as fitas que lhe parecia, enraiveceu de todo. Quiz defender-se; e para isso mordeu e arranhou a todos: em vez de uma memoria, fez um

nvro; e, em vez de justificar-se da accusaçam do furto, poz-se aos berros; ficou possesso e necessitado de exorcismos. É um homem das Arabias.—Seu pai foi um celebre padre Roma assim chamado por ter ido a Roma dessecularizar-se. Em pequeno sentou elle praça, e tendo patronato para um ministro da Marinha Portuguez, conseguiu ser despachado para Angola. Passando por Pernambuco foi processado ali pelo Ouvidor Antonio Carlos por certo delicto com os prezos da cadeia; o que o obrigou a escapar-se.—Indo tor á Bolivia esteve por lá alguns annos ao serviço como boliviano, e quando se cançou, voltou ao Brazil feito *Joam da Falperra*. Barateava com serviços que só constavam pela sua boca, usava de barbas postiças, trazia no chapéo os topes do Brazil e da Bolivia etc.—e dizia a todos ser o GENERAL ABREU E LIMA.

Dos seus feitos ninguem fala; os seus escriptos ou sam plagios de Beauchamp ou descomposturas a homens tam eminentes como Evaristo Ferreira da Veiga.—Sua falta de patriotismo chega ate a querer desnaturalisar do paiz (como a si se desnaturalisára por seu gosto) os seus filhos que procuram dar-lhe gloria!—Sua loucura chegou a querer desacreditar uma de nossas Instituçoens litterarias—o Instituto Historico, etc.

FIM.